



O DISCURSO MILITANTE E SEU FUNCIONAMENTO ATRAVÉS DAS MANIFESTAÇÕES QUE ACONTECEM NO *NI UNA MENOS*

Larissa do Prado Martins¹

Carolina Fernandes²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou compreender como se produz o discurso de resistência na formação discursiva em que se filia o movimento *Ni una menos*, a partir dos princípios teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD) de vertente materialista. Dessa forma, a partir da pesquisa, observamos os efeitos de sentidos produzidos através dos discursos que circulam dentro do movimento feminista. Para isso, a partir do arquivo de pesquisa composto por imagens coletadas em *sites* de notícias e de uma rede social de compartilhamento de fotos, o *Pinterest*, que retratam manifestações do movimento escolhido para a pesquisa, foi construído o *corpus* de análise, levando em conta as trajetórias e lutas dessas mulheres, bem como a exploração do potencial revolucionário do movimento como uma ação de resistência artístico-discursiva. Com isso, buscamos compreender as "relações do discurso, da língua, do sujeito, dos sentidos, articulando ideologia e inconsciente" (ORLANDI, 2012, p. 80), e através desses conceitos iremos entender de que forma os discursos se textualizam, pois a linguagem, nesse caso, é vista como um espaço heterogêneo, que reconhece também elementos de sua ordem externa, ou seja, na concepção discursiva de língua, ela perde seu caráter extremamente independente e ganha o estatuto de lugar aberto à exterioridade, instável, passando a ser reconhecida como objeto de base material (RADDE, 2012).

SUJEITO, IDEOLOGIA E MATERIALIDADE

Consideramos o sujeito-mulher como o lugar social que representa a sua constituição subjetiva e ideológica, sendo a ideologia determinantes dos sentidos que são materializados na linguagem e no corpo como materialidade discursiva. A materialidade representa a base material ou *forma material* (ORLANDI, 2012) do discurso que, no caso do feminismo, produz efeitos de transformação dos processos discursivos que produzem o imaginário para o sujeito-mulher. Para observar os modos de produção desses sentidos, é preciso considerar que estes se produzem em determinadas condições de produção e "pelo conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado que essa formação social comporta" (PÊCHEUX, 1993, p. 145).

¹ Graduada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Unipampa, Bolsista do Programa de Educação Tutorial PET-Letras.

² Doutora em Letras, Unipampa, Tutora do Programa de Educação Tutorial PET-Letras e líder do Grupo de Pesquisa Estudos Pecheutianos.

Além disso, “a historicidade deve ser compreendida em análise de discurso como aquilo que faz com que os sentidos sejam os mesmos e também que eles se transformem” (ORLANDI, 2012a, p. 80), assim as materialidades significantes que compõem o *corpus* foram escolhidas por conta da relação que estabelecem com a historicidade do movimento, e também por apresentarem diferentes formas de as mulheres se manifestarem através da arte.

Para isso, a manifestação de mulheres considerada nas análises parte do movimento *Ni una menos*. No entanto, antes de realizar as análises desses discursos assumidamente feministas, buscamos compreender os processos que originam essas manifestações como ação política das mulheres e a influência de alguns acontecimentos na propagação dos discursos, pois, só assim, foi possível entender a configuração heterogênea dessa formação discursiva, que representa *o que pode e deve ser dito* sobre a mulher e suas condições de existência.

O MOVIMENTO NI UNA MENOS

A materialização do discurso militante nas manifestações pautou-se na reprodução/transformação do discurso de resistência que motiva até hoje mulheres de todo o mundo a lutar pela diminuição da desigualdade de gênero que ainda persiste no contexto latino-americano. Baseando-se nisso, o movimento “Ni una menos” foi uma marcha contra a violência de gênero e direito ao aborto legal que mobilizou mulheres em várias cidades da Argentina, Chile, Uruguai e México entre 2015 e 2016. Os protestos foram desencadeados pelo estupro e assassinato frequente de jovens nesses territórios, o que põe em questão o porquê dessa forte violência baseada em gênero, e que provoca uma maior revolta das mulheres, pois quanto mais lutam, mais motivos têm para lutar.

No entanto, notamos que há uma divisão de posicionamentos entre mulheres que têm suas lutas particularizadas por questão de raça, classe ou cultura, e aquelas que questionam a importância das causas feministas. Sobre essa fragmentação do próprio sujeito-mulher, é possível refletir sobre como a ideologia do patriarcado determina os discursos de mulheres que não reconhecem as lutas feministas como lutas que buscam por direitos igualitários entre homens e mulheres, e que, assim, não se veem incluídas nas reivindicações do movimento. Dessa forma, com o propósito de denunciar a vulnerabilidade a que toda mulher está submetida dentro de um aparato Estatal que a oprime, o movimento *Ni una menos* apela para diferentes materialidades significantes, como o corpo, para se fazer visível, não só pelos Aparelhos de Estado (ALTHUSSER, 1970), mas também pelas próprias mulheres.

Nessa perspectiva, para o desenvolvimento da pesquisa, recorreremos à concepção de discurso formulada por Michel Pêcheux, e desenvolvida por Orlandi, assim como a noção de *Aparelhos Ideológicos de Estado* (1970) elaborada por Althusser, e através de conceitos-chaves que contribuíram para uma melhor compreensão dos processos discursivos que se desenvolvem no movimento em questão.

O DISCURSO DE RESISTÊNCIA FEMINISTA

Ao retomar os acontecimentos históricos e discursivos que surgiram ao longo dos séculos a partir da luta de mulheres por liberdade e direitos legais, observamos que há o rompimento com a ideologia patriarcal, anterior mesmo ao capitalismo, que determinava um imaginário de submissão ao sujeito-mulher.

Assim, surge por meio de um *Acontecimento Discursivo* (INDURSKY, 2003), a formação discursiva feminista que determina os sentidos para mulher a partir de um discurso de resistência e de luta por direitos.

Com isso, viu-se a necessidade de procurar compreender, a partir da Análise do Discurso, o modo de funcionamento do discurso de resistência dos movimentos feministas através do seu potencial revolucionário e frente os retrocessos políticos que se dão por meio de discursos “anti-feministas”, além da atuação de determinados aparelhos ideológicos que polarizam discursos na conjuntura atual. A pauta feminista torna-se necessária visto a possibilidade da perda de direitos já conquistados pelas mulheres, além dos casos de violências e feminicídio que ainda progridem. Embora existam leis, não há garantias de que as mulheres estarão protegidas. Por isso, a luta segue e as demandas crescem à medida que a desigualdade de gênero aumenta.

À vista disso, a necessidade de levar adiante essa pesquisa surge do entendimento de que a formação discursiva (FD) que configura o movimento *Ni una menos* indica uma FD feminista, estando seus discursos em constante transformação, bem como a ideologia que determina a produção de sentidos.

A FORMA DO DISCURSO E SEUS ACONTECIMENTOS

Neste trabalho, investigamos como se produz o discurso militante no movimento *Ni una menos* a partir do dispositivo teórico-analítico da AD. Para isso, construímos um dispositivo de análise que possibilitasse a compreensão da formação discursiva em que se filiam as mulheres participantes desse movimento considerando as particularidades das posições-sujeito aí imbricadas e o lugar na formação social em que estas ocupam em contradição com o lugar ocupado pelo sujeito-homem. Explorando o discurso de resistência à formação imaginária produzida pela ideologia patriarcal às mulheres, observamos que as feministas resistem à opressão da construção ideológica de que a mulher deve assumir um determinado papel com relação aos homens.

E a partir de movimentos organizados politicamente, podemos analisar de que forma ocorre a materialização desses discursos, seja através dos textos exibidos em cartazes e/ou por meio de manifestações corporais que se apresentam nas imagens analisadas. Considerando as materialidades significantes retiradas das manifestações do *Ni una menos*, compreendemos que as circunstâncias, que “constituem as condições ideológicas da produção/transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 1993, p. 191) fazem os discursos repercutirem como deslizamentos “no todo complexo das ideologias teóricas sob a forma de relações de desigualdade-subordinação que determinam os ‘interesses’ teóricos em luta numa conjuntura dada” (PÊCHEUX, 1993, p. 191). Assim, dentro da FD Feminista há diferentes posições-sujeito em que se inscrevem as militantes, entretanto essa diferença não chega a ser uma ruptura, o que nos permite pensar que o acontecimento não se faz no âmbito do discursivo, mas do enunciado (INDRUSKY, 2008).

Da mesma forma, no movimento *Ni una menos*, podemos distinguir diferentes posições-sujeito: como o de uma mulher negra, o de uma mulher branca, assim como os discursos de uma mulher que é mãe ou de outra que não quer ter filhos. Essas posições distintas para o sujeito-mulher correspondem a lutas específicas, ainda que todas lutem por igualdade e não-violência, o que as fazem se identificar com uma mesma formação discursiva. No entanto, há posições-sujeito que afetam a FD em que estão inseridas, fazendo com que sejam alterados os modos de se materializar o discurso de resistência. É o caso de

movimentos feministas em que militantes artistas, ao invés de se manifestar através de gritos de ordem e cartazes, realizam performances artísticas como o grupo chileno Las Tesis com seu *Un violador en tu camino*, que virou um hino contra a violência sexual. Essas novas formulações para o discurso de resistência instauram um modo diferente de textualização que convoca, não apenas artistas, mas qualquer militante que se identifique com essa FD a produzir seus materiais artísticos, como é o caso da imagem analisada na apresentação, em que a militante traz a boca coberta por um papel que diz: “O silêncio mata” em espanhol.

SD – Fotografia retirada de uma marcha do *Ni una Menos* em Buenos Aires, Argentina.



Nessa sequência discursiva (SD), observamos o corpo em seu funcionamento como materialidade discursiva, a pintura nos olhos, a faixa na boca e a linguagem verbal materializam o discurso de resistência das mulheres sobre as quais recai a opressão e a violência da ideologia patriarcal. Diante dessa imagem, observamos o discurso que denuncia os casos em que as mulheres são agredidas por seus parceiros e até mesmo mortas sem que possam pedir ajuda, a faixa também representa a mordaça à qual as mulheres estão submetidas em seus lares pela opressão de seus companheiros. O silêncio se dá, portanto, por medo de denunciar o seu agressor. Assim, é através do corpo em protesto que é possível quebrar o silêncio frente à opressão, denunciar e tornar sua causa visível.

Com isso, percebemos que a posição-sujeito advinda do campo das artes que se insere na FD feminista instaura uma nova posição-sujeito que se relaciona com o político e o artístico por meio das manifestações, mudando a forma de dizer, na qual os efeitos de sentidos se “instauram no processo discursivo em circulação em que este enunciado se inscreve” (INDURSKY, 2003, p. 108), fazendo com que haja um acontecimento enunciativo como definiu Indursky (2003, p. 108). Isso ocorre porque há uma forma-sujeito que regula essa FD em busca de respeito e igualdade de gênero, e isso se mantém em todos os movimentos de mulheres configurados pela FD feminista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa pesquisa, foi possível compreender como funciona o processo de produção dos discursos nas manifestações do *Ni una menos*, observando que as diferentes formas de se manifestar funcionam como uma prática desestabilizadora que rompe com a forma tradicional dos protestos de rua, fazendo com que haja um *Acontecimento Enunciativo* no âmbito do discurso militante. Esse conceito foi desenvolvido por Freda Indursky que o compreende como sendo distinto do Acontecimento Discursivo,

tendo em vista que não chega a romper com a FD dominante, mas produz uma posição-sujeito que gera uma mudança na produção de enunciados no interior da mesma FD (INDURSKY, 2008). Em nossa análise, entendemos que, ao invés de emanarem gritos de ordem, as militantes executam performances artísticas como esta em que a mulher se apresenta com a boca coberta, absolutamente em silêncio. Entendemos que isso não chega a confrontar a forma-sujeito dominante da FD Feminista, mas altera as formas de organização da ação política que passam a funcionar com base em saberes estéticos.

Dessa forma, essa pesquisa oportunizou uma reflexão sobre os processos de significação do corpo enquanto materialidade discursiva produzindo efeitos de resistência e militância política ao mesmo tempo em que nos faz observar que, estando a ideologia patriarcal na dominância, faz-se necessário às mulheres-militantes buscarem novas formas de resistir e se manifestar contra os efeitos destrutivos dessa ideologia. Assim, a partir da sequência discursiva analisada, observamos como a posição-sujeito artística produz efeitos para o discurso de resistência produzido dentro da FD Feminista, o que nos faz pensar na potencialidade revolucionária da arte, visto que faz o apelo ao olhar, dando visibilidade à causa e, assim, incitando a discussão necessária para a transformação dos discursos e dos imaginários.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Editora Esperança, Lisboa, 1970.
- INDURSKY, Freda. Lula Lá: Estrutura e acontecimento. **Organon**: Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003.
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. *In*: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (org.). **Práticas Discursivas e identitárias**: Sujeito & Língua. Porto Alegre: Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: Princípios & Procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.
- ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b.
- RADDE, Augusto. Corpo e Resistência(s) na Constituição do Sujeito: o discurso do corpo na Marcha das Vadias. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE LINGUAGEM E ENSINO - SENALE, 7., 2012, Pelotas - RS. **Anais** [...]. Pelotas: [S.n.], 2012. p. 1-16.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P. Orlandi. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993. p. 61-161. [Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969].